

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO – DACEX  
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA  
NACIONAL

MAUREEN ELINA JAVORSKI

**UMA QUEIXA DE GALANTEIO: RELAÇÕES FREIRÁTICAS  
EM GREGÓRIO DE MATOS E GUERRA.**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA  
2014

MAUREEN ELINA JAVORSKI

**UMA QUEIXA DE GALANTEIO: RELAÇÕES FREIRÁTICAS  
EM GREGÓRIO DE MATOS E GUERRA.**

Monografia de especialização, apresentado à disciplina de Metodologia de Pesquisa, do Curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional do Departamento de Comunicação e Expressão – DACEX – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Literatura Brasileira e História Nacional”.  
Área de concentração: Literatura e História.

Orientação: Profº Dr. Clóvis Mendes Gruner

CURITIBA  
2014

Dize-lhe que a memória  
Toma por instrumento do meu dano  
A já passada glória;  
Fazendo o mais suave tão tirano,  
Que obtém mais estimado.  
Me passa o coração, porque é passado.  
(Sóror Violante do Céu)

## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer em primeiro lugar ao meu marido, Cristian, que foi o maior patrocinador e incentivador para que eu pudesse realizar esta pós-graduação. Por você eu prossigo os meus dias e ao seu lado eu quero sempre ficar. Eu te amo muito e a finalização deste trabalho é por você!

Agradeço a minha família: pai, mãe e irmã pelo sempre incentivo aos estudos, por toda educação, amor e carinho que recebo.

Não posso deixar de lembrar e ser grata a todos os professores que fizeram parte da Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional, da UTFPR, que puderam proporcionar o conhecimento que me ajudou a amadurecer intelectualmente e a admirar ainda mais o universo da literatura e da história.

Acredito que grande parte do aprendizado também aconteceu pelos diálogos interdisciplinares que possuíamos em sala de aula. Toda reflexão, crítica e conversas dos meus colegas foram imprescindíveis para conhecer outras abordagens. Cada pessoa que estive naquela turma me ensinou tanto quanto os professores da especialização. Foi mais do que um prazer ter vocês como colegas!

Felizmente pude contar com um grupo de apresentação de trabalho que foi além das minhas perspectivas. Não posso pensar em 2013 sem pensar em: Andresa, Vanessa, Jaqueline, Camila e Jéssica. Todos os vacilos, tropeços, sorrisos, vitórias, piadas, jantas no R.U., trabalhos, apresentações, entre outras coisas que nos aconteceram no ano anterior, não me vem a cabeça sem um puxão de orelha ou um incentivo de vocês. Aprendi a amar a cada uma e a admirar, pois vocês são incríveis!

Ao apoio moral, intelectual e pela sincera amizade meu muito obrigado aos meus amigos mais presentes: meus compadres: Valéria e Rodrigo. Aos meus leais e incentivadores amigos que a arqueologia me proporcionou: Gustavo, Fernanda, Marcelo e Martha, a esta última eu devo as maiores contribuições que só contribuem para o meu crescimento intelectual e pessoal. As minhas colegas de faculdade e de formação: Thais, Mariana e Rosalice, obrigado pela amizade sincera, por ouvir minhas reclamações e por exercitarem os debates historiográficos sobre a vida e a disciplina comigo.

E para finalizar esta seção um super agradecimento ao meu chefe: Renato Carneiro Junior que foi um grande incentivador na realização desta especialização e por ser paciente na confecção deste trabalho. Também não posso me esquecer da Maria da Graça Simão, uma amigona que sempre me aconselha e me ilumina nas questões da vida.

Por fim e por último... Preciso agradecer muito ao meu orientador e professor de longa data o Dr. Clóvis Mendes Gruner. Sempre serei sua admiradora! Sempre é um prazer ter você como professor e preciso ser grata por ter tido mais esta oportunidade na pós-graduação e agora como orientador deste trabalho. Obrigado por me ajudar a expandir meus horizontes e nós encontraremos numa próxima, tenho certeza.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como proposta observar em como o amor freirático foi tema presente na literatura luso-brasileira nos séculos XVII e XVIII e como o mesmo aconteceu neste período. O conhecimento sobre a literatura de Cordel e a estética barroca serve como amparo para compreender como os assuntos que iam contra a moral religiosa, pós Concílio de Trento, eram abordados por escritores e por seus leitores/ouvintes. A literatura barroca, com suas características próprias, forneceu espaço para sua divulgação em formato de poesia satírica na qual habitava a *persona* satírica que era equipada de um personagem para apontar os vícios e pecados de uma dada sociedade. Neste contexto, se apresentamos o poeta baiano Gregório de Matos e Guerra, um dos principais escritores brasileiros do século XVII, conhecido por suas sátiras acentuadas e que buscava criticar os temas pertinentes ao seu meio. Uma das polêmicas avaliadas pelo autor eram os relacionamentos ilícitos que aconteciam dentro do Convento de Santa Clara do Desterro, em Salvador. Esta instituição religiosa foi palco de envolvimento entre freiras e seus amantes – os freiráticos – que se dividiam entre dois grupos: os frades e os seculares. Dentre uma poesia escolhida podemos observar o ponto de vista do poeta baiano no duelo que qualificava o mais apto a amar e a aproveitar uma roda, ralo ou grade com sua “alegre freirinha”.

**Palavras-chave:** Gregório de Matos e Guerra, poesia satírica, literatura Barroca, literatura de Cordel, amor freirático.

## ABSTRACT

The objective of this research is to observe how the theme of monastic love was present in the Luso-Brazilian literature from the seventeenth and eighteenth centuries as well as to investigate how it developed during that same time. The knowledge regarding Cordel literature and the baroque aesthetics are the basis for comprehending how subjects which contradict the religious morals, after the Council of Trent, were dealt with by writers and their audience. With its unique characteristics, baroque literature enabled its dissemination through satirical poetry, in which there was a satirical *persona* who represented the vices and sins of a given society. In this context, the poet from Bahia Gregório de Matos e Guerra is introduced as one of the main Brazilian writers of the seventeenth century, known for his accentuated satires criticizing several subjects of then. One of the controversies addressed by the author were the illicit relationships among nuns and their paramours – the monastic lovers – divided into two groups: the friars and the laymen. Within a poem chosen, we can observe for instance the point of view of this poet regarding the duel which qualified the most apt to love and enjoy a foundling wheel, a peephole or a grille together with his “joyous nun”.

**Keywords:** Gregório de Matos e Guerra; satirical poetry; baroque literature; Cordel literature; monastic love.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>1. O CONTEXTO DAS OBRAS DE GREGÓRIO DE MATOS E GUERRA</b> .....	12
1.1. Literatura de Cordel séculos XVI a XVIII.....	12
1.2. Barroco português.....	14
1.3. A poesia satírica Barroca no Brasil e a <i>persona</i> de Gregório de Matos.....	17
<b>2. ROMANCES FREIRÁTICOS: O SECULAR, O FRADE E A FREIRA</b> .....	23
2.1. Ser freirático na sociedade luso-brasileira.....	23
2.2. O convento e a freiras brasileiras.....	25
2.3. O duelo freirático.....	29
<b>CONCLUSÃO</b> .....	37
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	39

## INTRODUÇÃO

A literatura brasileira recebeu, no seu período de colonização, uma das influências lusitanas de comportamento que envolvia discussões em torno do não cumprimento dos dogmas religiosos e morais com aventuras amorosas que incitavam o pecado da carne

As demonstrações de afetividade nas relações entre homem e mulher passaram por muitas mudanças no decorrer da história da humanidade. Os cuidados com os corpos, as morais inerentes da religiosidade e a desigualdade de suas condições de gênero foram obstáculos e processos para o desenvolvimento de laços românticos como conhecemos por meio dos contos de fadas, por exemplo.

No início do século XVII os namoros, flertes e galanteios compreendidos pela sociedade lusitana ficaram conhecidos como “a arte de fazer entendimentos”<sup>1</sup>, de acordo com o a referência do escritor português Júlio Dantas. Neste período da história portuguesa os relacionamentos amorosos aconteciam discretamente: em silêncio e à distância. Eram raras as oportunidades concretas de trocas de palavras entre os sexos, os mesmos, quando havia interesse, aconteciam por meio de cartas.

Os flertes eram controlados e, geralmente, aconteciam em ocasiões públicas como em cerimônias religiosas, por exemplo. Na impossibilidade de um contato direto com o escolhido, abria espaço para um desenrolar de possibilidades que compunham “códigos amorosos à distância como os “entendimentos por trejeitos, por acenos, por sinais de chapéu, de lenço e de leque, por mordeduras de beijos, por atitudes de quito, por cortesias de aba beijada, e [...] pela mais característica da ternura portuguesa nos séculos XVII e XVIII: o ‘escarrinho’”<sup>2</sup>.

O amor trovadoresco, deste período, era representado por uma aversão pelas relações concretas e materiais. O humilde sentimento e a experiência do desejar algo que não poderia ser alcançado alimentavam os corações dos apaixonados. Simplificando, um amor platônico no sentido de que o interesse em suas virtudes eram maiores do que o interesse pelos prazeres da carne.

---

<sup>1</sup> DANTAS, Júlio. **O Amor em Portugal no século XVIII**. 3 ed. Lisboa: Sociedade editora Portugal – Brasil, 1915. p. 47.

<sup>2</sup> *id. ibid.* p. 47.

Destes amores platônicos podemos citar um dos mais pitorescos modelos oriundos de Portugal: o amor freirático<sup>3</sup>. O mesmo que fundamentou histórias referentes às relações que o rei D. João V se envolveu com Madre Paula, do convento de Odivelas. Ou até mesmo as cartas de amor de Sórora Mariana Alcoforado religiosa portuguesa que ficou conhecida pelo seu romance com o cavalheiro francês: o Marquês de Chamilly.

Longe de não ter sido punido ou perseguido o amor freirático se apresenta por suas características de sentimento desprovido. O público que compunha os “devotos de freiras”<sup>4</sup> são percebidos pelo seu caráter respeitoso e humilde em relação aos seus sentimentos, como podemos observar na descrição de Dantas: “Nunca houve, em amor, ninguém tão escarnecido, tão explorado, e tão pouco exigente como o freirático. Um olhar do coro, uma palavra na grade, um suspiro ao ralo: nada mais desejava, nada mais pedia.”<sup>5</sup>

E continuando, em outro trecho:

“Para êle, o amor não existia sem êsse profundo sentimento do mistério e do respeito, sem essa intensa e absorvente espiritualidade, se êsse encanto penetrante e religioso, que só se encontram na reclusão inviolada, na beleza oculta e inatingível, na comunhão imaterial de ânsias que não se confessam, de sorrisos que mal se suspeitam, de beijos cuja maior delícia está na certeza de que nunca se hão-de dar”.<sup>6</sup>

Não havia quem não advertisse, como o fez Frei Lucas de Santa Catarina, na carta em que “persuade aos Freiráticos, que o não sejam”, onde denuncia os perigos de amar as religiosas que estavam mais interessadas no que eles tinham, do que o que eles sentiam. Na ingenuidade, como o autor coloca, o secular vai atendendo aos pedidos da sua amada como defeito da cegueira freirática<sup>7</sup>.

As poesias realizadas no período estavam inseridas numa cultura literária e numa posição histórica únicas. Portanto, a escolha pela temática e sua forma de escrita merecem ser observadas por meio de seus artifícios de época. A literatura de cordel e as características do Barroco lusitano são necessários para a compreensão de que formato as ocorrências freiráticas chegaram ao público leitor.

<sup>3</sup> Aquele que frequenta conventos de freiras, ou simpatiza com os conventos. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 941.

<sup>4</sup> DANTAS. *op. cit.* p. 87.

<sup>5</sup> DANTAS. *id. ibid.* p. 87.

<sup>6</sup> DANTAS. *id. ibid.* p. 88.

<sup>7</sup> Santa Catherina *apud*. MAGALHÃES, Isabel Allegro de. **História e Antologia da literatura portuguesa: Século XVII**. Série HALP n.º 34. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005. Disponível em: [http://www.leitura.gulbenkian.pt/boletim\\_cultural/files/HALP\\_34.pdf](http://www.leitura.gulbenkian.pt/boletim_cultural/files/HALP_34.pdf). Acesso em: 30 de março de 2014. p. 74.

As influências e a percepção de que “uma obra funciona culturalmente como a réplica de um diálogo”<sup>8</sup> contribuem para perceber como a obra do poeta baiano Gregório de Matos (século XVII), conhecido como Boca do Inferno, delatam situações do cotidiano social de uma das regiões de mais destaque na América portuguesa, a Bahia.

Sua produção pode ser observada por meio de críticas e a abordagem de temas polêmicos, como as ferozes sátiras e poemas de amor lírico e/ou religiosos. Neste ambiente, as sátiras e a percepção de como o riso se introduz nas mentalidades do homem ocidental tornam-se fundamentais para a compreensão da poesia freirática de Gregório de Matos, propondo o interesse da obra como um documento da vida social dos Seiscentos<sup>9</sup>.

As possibilidades que a teoria da literatura e do riso (sátira) proporcionam permitem o “suporte necessário para que o olhar do historiador se oriente para outras tantas fontes e nelas consiga enxergar aquilo que ainda não viu”<sup>10</sup>.

Atualmente, com a adoção de novos olhares teóricos compreendemos que a narrativa histórica é feita de possibilidades sobre o passado, ou seja, também “mobiliza os recursos da imaginação, dando a ver e ler uma realidade passada que só pode chegar até o leitor pelo esforço do pensamento”<sup>11</sup>.

Não sem contar como a historiografia nos que traz, no próprio nome, o paradoxo, colocando nas palavras de Michel de Certeau, um “relacionamento de dois termos antinômicos: o real e o discurso. Ela tem a tarefa de articulá-los e, onde este laço não é pensável, fazer como se os articulasse. Da relação que o discurso mantém com o real”<sup>12</sup>. Portanto, cabe ao historiador a verificação da sua escrita pela articulação consciente entre o real e o discurso construído mentalmente.

Com estes pontos de vista analisaremos uma única poesia, dentre tantas, que acreditamos que expõe o conflito na sedução freirática em conquistar a “alegre freirinha” sendo o pretendente um simples secular ou um nobre clérigo. Sendo que o desejo sexual transpunha os limites da espiritualidade reclusa<sup>13</sup> e ainda era um convite para aguçar o paladar daqueles que se sentiam atraídos pelos riscos que o jogo do amor podia causar.

---

<sup>8</sup> BAKHTIN *apud*. PINTO, Maria Isaura Rodrigues. O cordel como campo de intercâmbio e tensão de valores culturais. **Revista Litteris**, v. 1, 2008. Disponível em: <http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/cordel.pdf> Acesso em: 30 de março de 2014. p. 2.

<sup>9</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 42.

<sup>10</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma **velha-nova** história. In: Nuevo Mundo Mundos Nuevos. On line: Debates, 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1560?lang=en>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2014. p.8.

<sup>11</sup> *id. ibid.*, p. 5.

<sup>12</sup> CERTEAU, Michel. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 12.

<sup>13</sup> MIRANDA, Ana. **Que seja em segredo: textos freiráticos séculos XVII e XVIII**. 3 ed. Rio de Janeiro: Dantes, 1998. p. 5.

## 1. O CONTEXTO DAS OBRAS DE GREGÓRIO DE MATOS E GUERRA.

### 1.1. Literatura de Cordel séculos XVI a XVIII.

Um dos principais formatos de divulgação de produtos literários, dos séculos XVII e XVIII, ocorreram por meio dos “chamados *Piegos Suelos* na Espanha e Folhas Volantes em Portugal”<sup>14</sup>, mais conhecidos pela nomenclatura literatura de Cordel.

A publicação da literatura de Cordel, de acordo com Manuel Diegues “vem de Portugal e se refere a folhetos presos por um pequeno cordel ou barbante, que ficavam em exposição para vendas”<sup>15</sup> tendo influência em toda península Ibérica. Além dos títulos já citados também foram conhecidos como “Literatura de Cego, após a Irmandade do Menino Jesus dos Cegos de Lisboa ter obtido direitos exclusivos de venda em 1789”<sup>16</sup>.

Os folhetos volantes eram “pequenos, com poucas páginas ou só mesmo uma página, um título chamativo, capaz de captar a atenção do ouvinte ou leitor, baixo custo tipográfico, com uma linguagem simples [...]”<sup>17</sup>. Eram vendidos nos espaços públicos e sociáveis de Portugal, fator contribuinte para uma ampliação na categoria de seus leitores que podiam ter condições econômicas distintas, não só se limitando aos populares.

Os textos eram “preparados para serem lidos algumas vezes, para depois se conservarem exclusivamente na oralidade”<sup>18</sup>, conforme aponta o pesquisador português António Bárbolo Alves. Este tipo de produção literária era destinada a ser explorada pela oralidade onde “o narrador assume-se como um contador”<sup>19</sup>, em primeira pessoa, e assim se consolidou como um dos meios de maior publicação deste ambiente cultural.

Por sua qualidade de ser organizado pela coerência oral os textos foram apropriados pelos contadores de histórias, despistando a procedência de suas autorias. Possivelmente muitos dos textos eram plúriautorais. Desta forma, a adaptação de versões diferenciadas e acréscimos foram provenientes da decorrência da memória.

---

<sup>14</sup> CAVALCANTI, Carlos Alberto de Assis. **A atualidade da literatura de cordel**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2007. 174fls. Disponível em: [http://www.livrosgratis.com.br/arquivos\\_livros/cp059384.pdf](http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cp059384.pdf). Acesso em: 17 de março de 2014. p. 16.

<sup>15</sup> DIEGUES JÚNIOR *apud*. CAVALCANTI. *id. ibid.* p. 16.

<sup>16</sup> CAVALCANTI. *id. ibid.* p. 16.

<sup>17</sup> ALVES, António Bárbolo. Notícia de romances, folhetos e folhas volantes na terra de Miranda Disponível em: [http://upit.ro/uploads/facultatea\\_lit/Revista%20SCF.Seria%20limbi%20romanice/Arhive/Versiune%20integrala\\_Forma%20finala%20nr%204.pdf#page=93](http://upit.ro/uploads/facultatea_lit/Revista%20SCF.Seria%20limbi%20romanice/Arhive/Versiune%20integrala_Forma%20finala%20nr%204.pdf#page=93). Acesso em: 03 de janeiro de 2014. P. 96.

<sup>18</sup> *id. ibid.* p. 95.

<sup>19</sup> *id. ibid.* p. 104.

O aumento da popularidade das folhas volantes teve como culminância o público iletrado. Ao terem contato com os textos lidos por alguém “numerosos analfabetos [...] tornavam depois transmissores desse património interiorizado, por via da oralidade”<sup>20</sup>. Esta proporção de amplitude dos grupos sociais que consumiam esta literatura teve reflexo no alcance maior de ouvintes/leitores.

A questão de alfabetização da sociedade portuguesa, por exemplo, foi apontada, pelo pesquisador Jaime Reis, como ainda em meados do século XIX a população continha 75% de analfabetos<sup>21</sup>. O que nos leva a crer a possibilidade de sobrevivência da literatura de cordel nesta região, do século XVI até o que foi destacado.

As temáticas destes escritos possuíam de instruções didáticas como serviam para o entretenimento. Os “assuntos que ocupavam a maioria destas ‘folhas’ e ‘folhetos’ eram os escândalos, os crimes, as mortes, os fenômenos extraordinários, mas havia também panfletos com temas jocosos e heróicos com os quais os leitores mais facilmente se identificavam.”<sup>22</sup>. Ou ainda, como qualifica Arnaldo Saraiva:

“Poesia, narrativa, teatro, crítica...; autos, dramas, tragédias, farsas, entremezes, monólogos, desafios, comédias, sátiras, invectivas, paródias, anedotas, cartas, crônicas, biografias, histórias, contos, moralidades, dissertações, elogios, exemplos, testamentos, orações, oráculos, hinos, canções, elegias, fados, décimas, odes, coplas, aventuras, paixões, sonhos, viagens, suspiros, sucessos, confissões, velhos e novos, príncipes, bandidos, soldados, namorados, clérigos, criados, deputados, fanfarrões, fantasmas, Adão e Eva, S. João e S. Pedro, Paulo e Virginia, Manuel e Maria, Imperatriz Porcina, Carlos Magno, Bertoldo, A Padeira de Aljubarrota, a Donzela Teodora, Magalona, João de Calais, Bocage, José do Telhado, Deus e o Diabo...”<sup>23</sup>

Não se reduzindo apenas aos temas identificados pelos autores, possivelmente a multiplicidade dos textos foi bem mais variada para o público da época ao contrário das obras que apresentam-se na documentação até os dias atuais. Se formos levar em consideração que as temáticas “satisfaziam o gosto popular”<sup>24</sup>, os assuntos deveriam ser uma fonte quase que inesgotável.

<sup>20</sup> NOGUEIRA, Carlos. Aspectos da literatura de cordel portuguesa. In: *La literatura popular impresa en España y en la América colonial: formas y temas, géneros, funciones, difusión, historia y teoría*. Seminario de Estudios Medievales y Renacentistas, 2006. Disponível em: <http://www.lyraminima.culturaspopulares.org/actas/actas5/nogueira.pdf>. Acesso em: 2 de maio de 2014. p. 611

<sup>21</sup> REIS, Jaime. **O Atraso Económico Português, 1850-1930**, Lisboa: Imprensa Nacional & Casa da Moeda, 1993. p. 229.

<sup>22</sup> ALVES. *op. cit.* p. 97.

<sup>23</sup> SARAIVA *apud*. CAVALCANTI. p.17.

<sup>24</sup> RAMOS, Ana Margarida. **Os monstros na literatura de cordel portuguesa do século XVIII**. 2007. 529 f. Tese (doutorado em Literatura) – Universidade de Aveiro, Aveiro, 2007. Disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/4845/1/2007000114.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2014. p. 105.

A literatura de cordel foi “fabricada a partir de factores extraliterários”, não se constituindo como um gênero literário que se resume a um estilo único, mas possuindo uma maior diversidade que foge ao controle das “tipologias textuais que comporta”<sup>25</sup>.

Neste elemento acreditamos que assuntos agregados ao que ao modelo literário que ficou conhecido como Barroco tenha sido introduzido nas folhas comercializadas. As obras que apontaremos a seguir são conhecidas individualmente, sem uma publicação uniforme o que nos leva a crer que foram tratadas como folhas volantes e por suas temáticas se ajustarem nas propostas descritas neste contexto.

## 1.2. O Barroco português

A sociedade lusitana, neste momento, estava imersa numa cultura extremamente religiosa e moralista que aos poucos recebia o ecôo do Renascimento e logo após as Reformas religiosas que agitaram com a mentalidade do homem ocidental. O domínio do contexto se desprende para influenciar as demonstrações culturais em todos os elementos das artes. Na literatura, em particular, abordou comparações entre a paz espiritual, a garantia de perdão dos pecados e a inibida aceitação dos prazeres da carne.

A religiosidade se faz muito presente neste momento e foi o pivô de um conflito dual no interior dos homens: o de salvação da alma ou o aproveitar os deleites do corpo (o pecado). Este conflito íntimo causou um castigo visível na literatura, que por vezes, neste período, foi abordada com um toque de sarcasmo.

Estes temas que envolvem o sagrado e o profano se inserem no movimento literário conhecido como Barroco e que teve força na Península Ibérica, ainda no século XVI. Sobre a procedência deste estilo e sua influência diz Alfredo Bosi:

“o estilo barroco se enraizou com mais vigor e resistiu mais tempo nas esferas da Europa neolatina que sofreram o impacto vitorioso dos novos estados mercantis. É na estufa da nobreza e do clero espanhol, português e romano que se incuba a maneira barroco-jesuítica: trata-se de um mundo já em defensiva, organicamente preso à Contra-Reforma e ao Império filipino, e em luta com as áreas liberais do Protestantismo e do racionalismo crescente na Inglaterra, na Holanda e na França.”<sup>26</sup>

Algumas obras literárias que refletem as intenções do período, por exemplo, são atribuídas a D. Francisco Manuel de Melo (1608 – 1666), escritor moralista que aplicava em suas obras formas uma didática de comportamento esperado, para o período e regradados na

<sup>25</sup> NOGUEIRA *apud*. RAMOS. *id. ibid.* p. 94-95.

<sup>26</sup> BOSI, *op. cit.* p. 29.

moralidade católica, como é a obra Carta de Guia de Casados(1651) que prevê, em todos os sentidos o papel do marido e da esposa, dentro do casamento, conforme foi reafirmado pela Igreja pós Concílio de Trento (1545 a 1563), por exemplo.

Um dos formatos de mais destaque das obras literárias, deste momento, são os sermões religiosos e a poesia – em específico a satírica que analisaremos neste trabalho. Estas obras que se desdobram entre seguir as normas prescritas da moral Católica e as delações dos pecados mortais, no Barroco, foram alvo de um dos elementos que marcaram este período literário: as artimanhas que se encobriam por meio do riso ou da sátira, como é mais conhecido.

O riso, no percurso da história do homem ocidental, passou por diversas características como a sua valorização enquanto degradação moral, destino religioso, diversão ou designação de elogios, por exemplo. Mais precisamente no momento no qual estamos nos concentrando, a concepção do riso recebe uma maneira diferenciada de compreensão e aplicação no período do Renascimento. Esta função é resumida por Bakhtin como:

“o riso tem um profundo valor de concepção do mundo, é uma das formas capitais pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem; é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo, que percebe de forma diferente, embora não menos importante (talvez mais) do que o *sério*; por isso a grande literatura (que coloca por outro lado problemas universais) deve admiti-lo da mesma forma que ao sério: somente o riso; com efeito, pode ter acesso a certos aspectos extremamente importantes do mundo”<sup>27</sup>.

Esta admissão do cômico pela “grande literatura”, por muito tempo, foi negada a este gênero da literatura atribuindo o tom de seriedade como o mais adequado, possivelmente coordenados pelas atitudes regradas imposta pela religião nos séculos posteriores. Como uma forma de punição o riso manteve-se entre os “gêneros menores”<sup>28</sup>.

As evidências do riso, neste período, foram registradas e propagadas na literatura. O escritor contemporâneo conhecido como Rabelais, um dos mais destacados da época, foi influenciado por inúmeros pensadores de sua época, e anteriores, que faziam apologia por meio de suas obras da filosofia do riso. Desta forma, “mil anos de riso popular extra-oficial foram assim incorporados na literatura do Renascimento”<sup>29</sup>.

Estas concepções passam por mudanças já no século XVII. Mesmo sendo aos poucos substituído o riso perde a “forma universal de concepção do mundo” dando espaço para o tom

<sup>27</sup> BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987. p. 57.

<sup>28</sup> *id. ibid.* p.58.

<sup>29</sup> *id. ibid.* p. 62.

de seriedade. O que antes abordava a grande maioria dos assuntos passa a ficar resumido a “apenas certos fenômenos *parciais* e parcialmente típicos da vida social, a fenômenos de caráter negativo”<sup>30</sup> como, por exemplo, os vícios da sociedade. Este caráter vai vincular o riso ao “baixo material corporal” que o vai limitar ao domínio da vida privada.

Não podemos considerar uma ruptura da concepção do riso do Renascimento ao século XVII. As práticas culturais, carnaval, ou as festas populares que permitiam a gargalhada e as alterações das normas não cessaram do dia para a noite. Consta-se que “na maior parte das localidades as festas populares se mantêm até o fim do século XVIII”<sup>31</sup>.

O que acontecia antes era considerado ações pagãs que invocavam os excessos e a libertinagem que eram de influência demoníaca. Esta mudança na aceitação do riso foi demarcada pelos conflitos religiosos que surgiram neste período. A evocação do “espírito das Luzes” já não se colocava mais “favorável as festas burlescas e de mal gosto, relíquias de uma época barbara e grosseira”<sup>32</sup>.

Era momento de mostrar a autoridade do catolicismo em face da propagação do protestantismo. “A festa popular, que tivera uma função ritual, que permitira criticar a sociedade, que assegura, às vezes, o equilíbrio entre trabalho e diversão, perdia todo o sentido”, momento em que “os novos valores de seriedade, razão, trabalho, economia, obediência às hierarquias, respeito à religião lhe eram antiéticos”<sup>33</sup>.

Ainda considerando as alterações de concepções o riso não poderia ser abolido por completo. Poderia ser utilizado por modos que o abordassem por motivos válidos: “ridicularizar os defeitos, os pecados, os vícios, reagir a inocentes brincadeiras com finalidade recreativa”<sup>34</sup>.

Neste elemento, podemos ver esta aplicação utilizada nos temas da literatura, da época, que procuram abordar críticas aos vícios e costumes da sociedade de forma bem humorada, mas um humor que não surge como um deboche de algo que não existiu, pelo contrário a sátira entra não como uma invenção do escritor, mas uma forma de contar uma verdade sem ser punido por expô-la.

A sátira que habita este momento é hierarquizada e moralizante, assim como os demais textos de conotação mais voltada ao religioso que se fixam neste momento. Sobre as características políticas que permeiam este estilo, diz João Alfredo Hansen:

---

<sup>30</sup> BAKHTIN. *id. ibid.* p. 57.

<sup>31</sup> MINOIS, Georges. História do riso e do escárnio. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 330.

<sup>32</sup> *id. ibid.* p. 328

<sup>33</sup> MUCHEMBLET *apud* MINOIS. *id. ibid.* p. 327

<sup>34</sup> MINOIS. *id. ibid.* p. 318.

[...] funciona como uma técnica que hierarquiza metaforicamente a segurança da população, encenando seu controle no discurso e pelo discurso. Impondo normas aos corpos de linguagem, ela os interpreta como adequação ou desvio da lei positiva e natural de que se faz emissária, fundamentando a crítica, de direito, para a mesma população, a um tempo referencial e destinatário de sua intervenção. Ao propor a correção dos vícios — políticos no mau sentido referido — ela o fazem nome do ideal de bem comum ausente que a enunciação racional efetua, ditando a retificação do que expõe. Sua validação é o Direito Canônico, principalmente em sua versão contra-reformista, que regula a hierarquização jurídica das práticas do Antigo Regime<sup>35</sup>.

Esta moralização pertinente na sátira crítica apresenta, fundamentalmente, os vícios da sociedade, a alteração dos costumes e ao clero. Que estarão refletidas na produção literária do momento.

### 1.3. A poesia satírica Barroca no Brasil e a *persona* de Gregório de Matos.

Como diversos dos costumes lusitanos que atravessaram o Atlântico dentro de suas caravelas, a influência literária também aportou nas terras da Bahia e foi lá que encontrou um ambiente propício. Mantendo alguns dos aspectos e adaptando temáticas pertinentes ao seu novo contexto.

Não trouxeram, pois, os portugueses para o Brasil algo do movimento literário que ia àquela data em sua pátria. Mas evidentemente trouxeram a capacidade literária já ali desde o século XIII pelo menos revelada pela sua gente e que naquele em que aqui se começaram a estabelecer atingia ao seu apogeu<sup>36</sup>.

A literatura com sua bagagem colonizadora manteve, assim como outros costumes, a tradição portuguesa. Por vezes é acusada de “submissa” e de repetir as mesmas manifestações<sup>37</sup>. Com o contato com distintas culturas de outros povos e as influências das características da natureza do novo território foi se desenvolvendo uma nova aparência para as produções literárias que haveriam de brotar no Brasil.

A falta de instrução escolar e de letramento dos habitantes que aqui viviam se chocava com a realidade da disputa entre a linguagem de outros habitantes europeus

<sup>35</sup> HANSEN, João Adolfo. **A sátira e o engenho**: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 204.

<sup>36</sup>MATOS, José Veríssimo Dias de. **História da literatura brasileira**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000116.pdf>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2014. p. 17.

<sup>37</sup> *id. ibid.* p. 6.

(franceses, holandeses, espanhol, etc.) com as mais ou menos 340 línguas indígenas<sup>38</sup> que já existiam por aqui. Portanto, a implantação e a imposição do português como idioma, inicialmente, enfrentou batalhas práticas para depois entrarem no mundo das letras.

Apesar do empenho dos grupos de jesuítas, da Companhia de Jesus, que se preocuparam em educar os nativos brasileiros, ao modelo católico e europeu, a alfabetização foi algo de longo alcance e pouco difundido. A Coroa portuguesa pouco se importava com este fator já que a mesma visava a dependência e a obediência da Colônia para com a Metrópole “justificando a preservação do vínculo colonial” pela dependência de civilização<sup>39</sup>.

Assim como em Portugal, uma das características culturais marcantes é a tradição oral no se contar histórias que no Brasil ganha força e peso do conceito na influência no contato com as culturas indígenas e, posteriormente, africanas que por si só mantinham as suas histórias registradas na memória e eram repassadas por seus contes orais.

Na medida em que o analfabetismo se impunha a proliferação da oralidade ganhava os espaços públicos e privados<sup>40</sup>. Nas igrejas, nos colégios e nas ruas a leitura de obras era uma maneira de educar. Esta disseminação contribuiu para que mais tarde esta “dimensão criativa ao diálogo cultural” transformasse a “leitura auditiva” em “texto escrevível” de forma que fossem “condizentes com um modo de pensar e sentir brasileiros”<sup>41</sup>.

Como toda a colonização do território brasileiro, foi no nordeste que a literatura de cordel – influenciada essencialmente pela oralidade – se fixou em solo fértil “mesmo que pautada numa proposta editorial suscitada por um modelo europeu” tratou de fixar “os valores de uma cultura popular que não é indiferente as suas memórias coletivas, experiências históricas e práticas sociais”<sup>42</sup> especificamente condizentes com o contexto de culturas próprias do Brasil dos séculos XVII e XVIII, por exemplo.

Durante o século XVII a atividade literária predominante no Brasil era “quase exclusivamente a poesia” e o que não era poesia era “sermão ou literatura oficial, crônicas, relações, memoriais de caráter estilo burocrático”<sup>43</sup>. Neste elemento incluímos a poesia

---

<sup>38</sup> VILLALTA, Luis Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In. SOUZA, Laura de Mello e. (org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 334.

<sup>39</sup> *id. ibid.* p. 333.

<sup>40</sup> *id. ibid.* p. 374.

<sup>41</sup> PINTO, Maria Isaura Rodrigues. O cordel como campo de intercâmbio e tensão de valores culturais. *Revista Litteris*, v. 1, 2008. Disponível em: <http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/cordel.pdf>. Acesso em: 30 de março de 2014. p. 125.

<sup>42</sup> *id. ibid.* p. 124.

<sup>43</sup> MATOS, *op. cit.* p. 38.

barroca trazida de Portugal e também adaptada a realidade do contexto próprio dos temas brasileiros.

O Barroco no Brasil manteve as mesmas características do modelo ibérico. A fundição entre os opostos – pecado e região – são características que marcam as obras dos principais autores deste estilo literário, como por exemplo: Bento Teixeira (1561-1618), Padre Antônio Vieira (1608-1697), Manuel Botelho de Oliveira (1636-1711) e, por último e com ênfase, Gregório de Matos são os autores mais referenciados como produtores de obras barrocas brasileiras.

Este ícone da literatura barroca no Brasil nasceu na cidade de Salvador (1636<sup>44</sup>), Bahia de Todos os Santos, estudou no Colégio dos Jesuítas e logo após foi fazer Direito na Universidade de Coimbra permanecendo em Portugal por cerca de 20 anos ocupando cargos da administração pública até cair das graças do rei e voltar ao Brasil. Na Bahia “viveu cerca de 15 anos, dos 28 aos 60, ou pouco mais, da sua idade”<sup>45</sup>.

No período em que esteve no Brasil continuou exercendo seus cargos públicos, mas no mais era um grande observador da sociedade que o rodeava e da mesma forma passou a registrá-la, por meio da poesia, e através das influências literárias trazidas consigo de Portugal como, por exemplo: o lírico, o satírico e o religioso.

O fato é que suas poesias não foram referência literária do seu período. O Brasil dos séculos XVII e XVIII, por exemplo, ainda atravessava as dificuldades de instrução da língua portuguesa e da alfabetização, como já foi comentado. O número de pessoas que sabiam ler era escasso, portanto, o mercado da leitura não favorecia seu comércio.

Se torna importante salientar que Gregório de Matos viveu “sem jamais ter publicado um livro”<sup>46</sup>. Sua obra e biografia foram reunidas tempos mais tarde por um admirador o licenciado Manuel Pereira Rabelo, apenas no século XVIII, no livro: Vida do excelente poeta lírico, o doutor Gregório de Matos e Guerra.

Em descrição sobre as características pessoais, Rabelo acusa o “Doutor Gregório de Matos” de ser um “acérrimo inimigo de toda a hipocrisia” e de ser seguidor dos “extremos da verdade com escandalosa virtude”<sup>47</sup>. Partindo desta descrição podemos observar a admiração pelo poeta e o salientar de qualidades perigosas da qual era portador. Quem sabe uma forma de justificar sua acidez em abordar alguns assuntos ou apenas para dar-lhe notoriedade.

<sup>44</sup> Existem versões que alegam que ele nasceu em 1623, 1633, ou como citado 1636.

<sup>45</sup> AMADO, James. **A foto proibida há 300 anos**. In: MATOS, Gregório de. *Obra poética*. v.I. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992. p. 21.

<sup>46</sup> MIRANDA. *op. cit.* p. 113.

<sup>47</sup> RABELO *apud*. HANSEN. *op. cit.* p. 24.

A partir das considerações sobre o poeta Gregório de Matos podemos encontrar, em suas obras, a presença da *persona* satírica, analisada pelo pesquisador João Adolfo Hansen, aplicada para descrever, observar e até mesmo participar de atividades cotidianas de uma Bahia repleta de vícios e escândalos.

Entre as características demarcadas da poesia barroca de Matos parece surgir um dualismo entre a carnavalização e a atuação real. O comportamento cotidiano, neste período da história, deveria estar regularizado com as normas morais que cercavam a sociedade em que se vivia. A carnavalização, no modelo de Rabelais, transpunha estes limites num esquecimento que durava o período das festas populares para poder agir como em nenhum outro momento poderia fazer.

Ao que se enfatiza o modelo de *persona* satírica se transforma num “eu” satírico que pode ser pensado como um personagem ficcional. Em todas as punições aos comportamentos instituídos pelas normas morais católicas, a projeção de pensamento e culpabilidade em outra pessoa que inexistisse seria um vestígio da transposição das muralhas que por muitas vezes imaginamos estar apreendida a sociedade ocidental na Idade Moderna.

A criação da *persona* e seu envolvimento com o poeta barroco e satírico se esclarecem em uma definição de Hansen: “O poeta é mesmo um fingidor e a *persona* é um ator, personagem, máscara”<sup>48</sup>. Mesmo que a opinião clara do autor esteja esquematizada na percepção da *persona*, esta armadura lhe permite transitar livremente por espaços da sociedade que habita.

A sátira em verso de Gregório de Matos é um jogo astucioso de disfarces, que não passa despercebido a quem conhecer as várias linhas da poética satírica do autor. Consciente da complexidade e importância desta atitude de espírito e deste modo de expressão, o poeta reflete com alguma frequência sobre o gênero ou sobre a pulsão e a tonalidade satíricas.

Gregório de Matos constrói uma imagem e uma reputação de *persona* satírica: um gênio satírico que, face a uma constante exigência de atuação, não pode desviar-se do imperativo de proclamar a autonomia da sua vontade e razão. Não falta quem, a propósito, por exemplo, da chegada à Bahia de “Pedralves”, lhe peça “alguma sátira honrada”, ou lhe rogue uma “sátira em louvor”<sup>49</sup>.

Não parece que a armadura de *persona* tenha protegido, de todo, o poeta Gregório de Matos. Sua fama que o apelidou de Boca do Inferno tem referência a seus escritos sobre a sociedade baiana dos setecentos que parece não ter agradado e aprovado como se o narrador fosse um personagem e não o próprio autor. Isso pode ser observado com o seu degredo para

<sup>48</sup> HANSEN. *op. cit.* p. 175.

<sup>49</sup> NOGUEIRA. *op. cit.* p. 280.

a Angola – e proibição de retorno a Bahia –, via de proteção do governador D. João Alencastre para afastar uma vingança causada por sátiras proferidas ao seu antecessor.

Este nomear pessoas em suas obras arriscou a vida de Gregório de Matos em constantes momentos. Nem mesmo sua estreita ligação com a igreja – com a sua nomeação de vigário – e os seus contatos com homens da política deixava-o ileso de severos castigos.

A liberdade e a complexidade que envolve a *persona* satírica lhe permitiam o espaço de ser um “ator capacitado a ocupar várias posições discursivas opostas, consecutivas ou simultâneas, conforme a matéria e a ocasião dos poemas”<sup>50</sup>. Esta capacidade se revestia de “um tipo vulgar que agride com sarcasmos e obscenidades” que permeiam os subgêneros do ridículo e da maledicência<sup>51</sup>.

Pensando pelos aspectos de caracterização que a *persona* ocupa, elevamos que “o satírico é um tipo nobre e honesto que se indigna contra os vícios e os viciosos que corrompem sua pátria”<sup>52</sup>. E aqui continuamos a delimitar suas características:

*A persona satírica não é néscia; logo, não pode ser imprudente, isto é, atéia ou herética. Ao contrário, é metáfora da persona mystica do Rei, cabeça teológico-política do Estado, cujo poder é repostado na anatomia dos vícios.*

*A persona satírica também não é estapista: não veste a toga que alguma vez se costumava alinhar. O engenho intenta excessos e consegue prodígios, certamente, sendo divertido imaginar o jansenismo em Portugal, no século XVII<sup>53</sup>.*

Dentro dos paradigmas dos códigos sociais: direito, ética e religião, persistentes a este período, surgem como “matrizes interpretantes das posições da *persona* e de suas personagens”<sup>54</sup>. Ou seja, todas as possibilidades pertenciam ao contexto mental e social em que estavam inseridos.

A descrição de contraste entre os intuitos da *persona* a verdade estabelece uma inversão. Um ponto de vista que diverge:

Racional X irracional

Prudente X néscio

Sábio X ignorante

<sup>50</sup> HANSEN. *op. cit.* p. 365.

<sup>51</sup> HANSEN, João Adolfo. Pedra e cal: o amor freirático na sátira luso-brasileira do século XVII. In: REINOSO, Mariel; WALDE, Lillian von der (Eds.). **Revista destiempos.com – Dossier Virreinos**. ano 3. n. 14. México: destiempos.com, 2008. Disponível em: <http://www.destiempos.com/n14/dossierv.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2014. p.548

<sup>52</sup> HANSEN, *id. ibid* p.549

<sup>53</sup> HANSEN (1989). *op. cit.* p. 203.

<sup>54</sup> *id. ibid.* p. 171.

Discretos X rústico etc<sup>55</sup>.

Dentro desta proposta pretendemos utilizar esta presença de críticas sobre as atitudes morais encenadas ou mesmo as obras de Gregório de Matos não somente como obra literária desvinculado das críticas de ficção, mas com uma forma de se conhecer práticas da sociedade baiana, do século XVII, mais especificamente os romances e relações com as freiras do Convento de Santa Clara do Desterro.

---

<sup>55</sup>HANSEN (1989). *id. ibid.* p. 173.

## 2. ROMANCES FREIRÁTICOS: O SECULAR, O FRADE E A FREIRA.

### 2.1. Ser freirático na sociedade luso-brasileira.

Os freiráticos eram compostos por qualquer tipo de homem que se sentisse seduzido pelo simples fato de sua musa amorosa ser uma freira. Não importava qual a hierarquia da amada dentro do convento, da Madre superiora até mesmo a portadora do véu branco<sup>56</sup> eram as escolhidas para adorar.

Com a realização do Concílio de Trento os dogmas religiosos foram reforçados e os comportamentos dos clérigos vigiados e valorizados novamente. A intensificação da moral religiosa ficou em voga. Na sociedade de corte onde o *status* social estava em jogo, a vida monástica vinha valorizar o nome da linhagem, portanto, convinha ter um membro ligado ao clero para que o mesmo representasse a religiosidade da família<sup>57</sup>.

Sem nos aprofundar nos fatores que permeavam a condição feminina, as instituições religiosas portuguesas, que abrigavam mulheres, foram alvo de intensa vigilância que envolviam os cuidados com o edifício, bem como com o comportamento das mesmas. A rigorosidade afirmada ficou refletida na arquitetura destas construções, observável no Mosteiro de Jesus, em Aveiro, por exemplo, onde não era permitida a introdução de mirantes, nem janelas<sup>58</sup>.

Em uma obra de literatura produzida nos conventos portugueses, como os escritos de Sórora Leonor de São João, observa-se a ordenação de um alvará régio de 1500 dizendo para que “não consintão levantarem-se cazas de nenhum modo de fronte nem ao redor deste Convento”<sup>59</sup>, remetendo às imediações do Convento; de Jesus de Setuval, além da exigência que fossem colocados estacas e pregos nos muros exteriores do convento<sup>60</sup>, afirmando a preocupação com a proteção das internas.

---

<sup>56</sup> As religiosas que usavam o véu branco eram, geralmente, noviças não professoras. No Brasil as escravas das freiras usavam o véu branco, já que não era admitido, a elas, fazerem os votos.

<sup>57</sup> ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: Sexualidade feminina na Colônia. In: DEL PRIORE, Mary (org). **História das Mulheres no Brasil**. Vol.1. São Paulo: Contexto, 1997. p. 68.

<sup>58</sup> COSTA *apud*. ALVES. op. cit. p. 376.

<sup>59</sup> SÃO JOÃO *apud*. PACHECO, Moreno Laborda. Vida monástica feminina, escrita e poder no Portugal Moderno (séculos XVII e XVIII). In: **Revista Brasil e Portugal: Nossa História Ontem e Hoje**, 2007. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, 2007. p. 9.

<sup>60</sup> PACHECO, Moreno Laborda. Vida monástica feminina, escrita e poder no Portugal Moderno (séculos XVII e XVIII). In: **Revista Brasil e Portugal: Nossa História Ontem e Hoje**, 2007. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, 2007. p. 9.

Após o escândalo do envolvimento do conhecido “Galo de Odivelas”<sup>61</sup> – D. João V – com as religiosas deste convento português, onde o mesmo se dirigia ao lugar para “ler papéis de solfa com as freiras assentadas nos joelhos”.<sup>62</sup> O próprio rei, protagonista de tais acusações, por volta da metade do século XVIII, ordenou a “reforma dos mosteiros de bernardas e a caçada universal a todos os freiráticos que os frequentam”.<sup>63</sup>

O amor freirático é descrito por Júlio Dantas como inventado no século XVII<sup>64</sup>, mas suas intenções já eram conhecidas e temidas antes. Podemos observar que as Ordenações portuguesas como as Manuelinas (1513) e as Filipinas (1595) já previam punições para aqueles que se envolvessem freiras. Por exemplo:

Todo homem de qualquer qualidade e condição que seja, que entrar em Mosteiro de Freiras de Religião approvada, e for tomado dentro, ou lhe for provado, que entrou, ou esteve de dia, ou de noite dentro do Mosteiro; em casa ou lugar dentro do encerramento delle, que pareça que era para fazer nelle alguma cousa illicita contra a honestidade do dito Mosteiro, pagará cem cruzados para o dito Mosteiro, e mais morra por ello morte natural.

1. E o homem, a que for provado, que tirou alguma Freira de algum Mosteiro, ou que Ella per seu mandado e induzimento se foi a certo lugar, donde assi a levar, e se for com Ella, se for peão, morra por isso. E se for mor qualidade, pague cem cruzados para o Mosteiro, e mais será degradado para sempre para o Brasil. Mas a execução da morte não se fará nos sobreditos casos, sem primeiro nol-o fazerem saber.

2. E sendo provado, que algum homem dormio com Freira de Religião approvada fora do Mosteiro, em caso que a elle não tirasse, pagará cincoenta cruzados para o Mosteiro, e será degredado dous anos para a Africa, e além disso se for peão, será açoutado publicamente com baraço e pregão.

3. E defendemos que nenhuma pessoa escolha, nem receba em sua casa, nem pousada Freira alguma sem nossa licença special, postoque Ella tenha qualquer Rescripto, ou Provisão para poder andar fora do Mosteiro; e recolhendo-a, ou tendo-a em casa sem a nossa licença, perca toda sua fazenda, ametade para quem o accusar, e a outra para nossa Camera.<sup>65</sup>

Como podemos observar eles estavam expostos a castigos severos. Aqueles que fossem apanhados nos conventos, do reino e suas colônias, recebiam pena de morte; outros permaneceram em hospícios ou em Aljubes<sup>66</sup> de Portugal, além da condenação ao degredo para locais como a Angola e, logo, para o Brasil.

De acordo com o resgate de Júlio Dantas a ordenação da caça aos freiráticos, por D. João V, foi uma devassa que fez cair ao Aljube “meio mundo” e denunciou que na época as

<sup>61</sup> DANTAS, *op. cit.* p. 93.

<sup>62</sup> *id. ibid.* p. 92.

<sup>63</sup> DANTAS, *op. cit.* p.93-94.

<sup>64</sup> *id. ibid.* p. 87.

<sup>65</sup> Livro 5, título 22: Do que entra em mosteiro ou tira Freira, ou dorme com Ella, ou a recolhe em casa.

<sup>66</sup> Antigo cárcere eclesiástico, subterrâneo, que geralmente ficava junto a um mosteiro; prisão de padres.

cadeias se povoaram “de fidalgos, de frade, de baetas, de faceiras, de michos, de bandalhos, de estudantes, quási todos apanhados com cartas e retratos de freiras no pescoço”<sup>67</sup>.

Além das penalidades, já comentadas, o amante tinha ainda desafios a serem enfrentados por seu próprio sentimento: “a freira é sanguessuga chupadora”,<sup>68</sup> de acordo com a poesia de Antônio Barbosa Bacelar (século XVII), esta referência que denomina a freira como sanguessuga salienta algumas situações em que o amor do freirático era avaliado. Amar uma freira podia ter um alto custo não somente emocional, de periculosidade, mas principalmente financeiro.

A empatia entre as reclusas e os freiráticos implicava numa série de mimos como: bilhetes, lembranças, presentes, vestimentas luxuosas, entre outros. No Brasil, além de presentear a religiosa escolhida, havia também o costume que doar donativos para o convento, além de agradar à escrava de sua amada. Quanto mais amantes, mais presentes.

Até mesmo o jeito de se vestirem era motivo de qualificação para cortejar uma freira: “exigem que o freirático vá visitá-las vestindo chapéu de plumas e casaca inglesa agaloada para comédias, com fitas, lenços, espadim, gola de renda de fina volta, brincos de barrocos, cabeleiras com polvilhos etc”<sup>69</sup>.

Tais assuntos compuseram o universo literário lusitano. Os romances freiráticos se tornou tema para que vários autores o abordasse como, por exemplo, podemos citar: Antonio Barbosa Bacelar (1610-1663), Frei Antonio das Chagas (1631-1682), Francisco de Moraes (1670-1753), Frei Lucas de Santa Catarina (1670-1740), entre outros, todos os escritores portugueses; sem contar os demais textos que ficaram no anonimato ou se perderam.

## 2.2. O convento e as freiras brasileiras.

O temor com os cuidados dos conventos teve um contexto diferente na América Portuguesa. Ao contrário do ambiente lusitano que possuía uma grande quantidade de instituições conventuais voltadas ao público feminino, o Brasil, dos setecentos, contava apenas com um mosteiro reconhecido pela Igreja Católica: o Convento de Santa Clara do Desterro, justamente, em Salvador na Bahia.

A implantação de instituições religiosas voltadas para a mulher surgiu tardiamente, pois não havia interesse da coroa em trancafiar moças casadoiras em conventos. A questão de

---

<sup>67</sup> DANTAS. *op. cit.* p. 94.

<sup>68</sup> BACELAR, Antonio Barbosa. Definição de uma freira: soneto. In: MIRANDA. *op. cit.* p. 22.

<sup>69</sup> HANSEN (2008). *op. cit.* p. 558.

povoamento das terras brasileiras era tamanha que até mesmo o Padre Manuel da Nóbrega veio a intervir e a solicitar ao rei de Portugal que enviasse mulheres brancas, órfãs e até “desonestas” para casarem com os colonos portugueses<sup>70</sup>.

Com o tempo passado algumas das meninas oriundas das famílias mais abastadas não encontravam casamento no mesmo nível econômico e social que suas famílias para manter seu prestígio social. Por este e outros motivos de valor moral religioso e de *status* dentro das ambições do *pater familia* foi crescendo a pressão dos residentes brasileiros para que a coroa portuguesa mandasse construir conventos por aqui.

Enquanto isso não acontecia muitos foram os pais que mandaram suas filhas para a vida religiosa na Metrópole. Com elas iam as que tinham vocação religiosa ou as “freiras de conveniência”, como assim denominou Gregório de Matos. Eram meninas que obrigadas pelos pais a seguir a vida religiosa, desde muito cedo, por interesses provenientes ao processo de morgadio ou casamentos desiguais, por exemplo.

Acreditava-se que “a vida conventual, com sua disciplina, seu ambiente sua rotina, levaria as mulheres à piedade e ao recato próprios de sua condição”<sup>71</sup>, mas nem sempre a vocação chagava no tempo esperado, “muitas vezes só se manifestava ao chegar da idade madura”<sup>72</sup>.

Foi somente em maio de 1677, que o primeiro convento da América portuguesa foi fundado: o Convento de Santa Clara do Desterro na Bahia, por clarissas oriundas do Mosteiro de Évora de Portugal, que vieram dirigi-lo. O então convento era um antigo recolhimento que demorou mais de 30 anos para ser autorizado pela Coroa. Por mais de 70 anos, foi o único mosteiro reconhecido na colônia<sup>73</sup>.

Sem contar as demais instituições religiosas (pois fogem ao contexto proposto), podemos encontrar relatos sobre a popularidade das condutas do convento de Santa Clara do Desterro. Convém, supor, que estes locais são “supostamente sombrios e tristes”, mas os mesmo foi transformado em “locais de festa, alegria e transgressão”<sup>74</sup>.

Levando em consideração que a maioria dos eventos sociais estavam relacionados à religiosidade, os conventos foram centros de integração da sociedade. Entre festas nas igrejas

<sup>70</sup> VAINFAS, Ronaldo (org.). **Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 148.

<sup>71</sup> ARAÚJO. *op. cit.* p. 68.

<sup>72</sup> ARAÚJO, Emanuel. **O teatro dos vícios: transgressão e transigência na sociedade urbana colonial**. 3 Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008. p. 253.

<sup>73</sup> AZZI, Riolando; REZENDE, Maria Valéria V. A vida religiosa no Brasil Colonial. In: AZZI, Riolando. **A vida religiosa no Brasil: enfoques históricos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983. p. 32.

<sup>74</sup> NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (org.) **História das Mulheres no Brasil**. v. 1. São Paulo: Contexto, 1997. p.488.

e feiras realizadas em suas proximidades, não era difícil supor a participação das clarissas neste meio. Existem críticas do Frei Manuel de Santa Inês, em 1764, sobre os luxos e gastos excessivos do convento nos dias de procissão de alguns santos<sup>75</sup>.

A instituição baiana ficou popular por ser “um convento animado por sons noturnos de ruidoso baile, onde galantes jovens fazem corte a religiosas ricamente vestidas”<sup>76</sup>. Existem descrições das “algazarras” de um baile de Natal exposto pelo viajante Le Gentil La Barbinais, no século XVIII<sup>77</sup>.

Este “afrouxamento das regras morais”<sup>78</sup> ou, como aponta José Veríssimo, esta “soltura de costumes” e “viver desregrado” no período de colônia portuguesa mantinha a permanência “essencialmente a mesma na sua feição étnica”, ou seja, “permaneceu portuguesa”. Não que não houvessem quem tentasse administrar estes excessos, mas como continua “Procuravam conter-lhe os ímpetos e desmandos, aliás com pouca eficácia, o governador e seus auxiliares e os padres, principalmente, a acreditá-los, os jesuítas, que aliás constantemente ralham contra esta sociedade”<sup>79</sup>, mas ao que parece não era o suficiente.

O comportamento das religiosas também não eram os mais elogiosos. Depois que eram trancafiadas nas clausuras as meninas não deixavam de “comportar-se como sinhazinhas autoritárias e petulantes”. Também pela carta do Frei Manuel de Santa Inês podemos observar a vaidade das internas:

Do amor à vaidade, que em muitas destas religiosas predomina, e da inobservância do seu voto de pobreza, são evidentes sinais o seu tocado nimiamente descomposto e indecente às religiosas, por lhes deixar descobertos grande parte da cabe e todo o pescoço [...] Os seus hábitos e mantos [são] certamente repreensíveis pelas caudas, pelas fitas de cor que nos hábitos prendem, pelas aberturas destes, anteriores e posteriores, e pelas suas mangas de extraordinária largura, de que tudo não pouco se escandalizam os seculares [...]<sup>80</sup>.

Ainda havia críticas sobre os objetos que cada uma possuía em suas celas individuais, como complementa a historiadora Leila Mezan Algranti ao afirmar que “as mulheres não resistiam aos presentes mandados por seus familiares para suprir suas carências, nem à singela decoração de suas celas, imposta pelas constituições. Introduziram-se no

<sup>75</sup> ARAÚJO (2008). *op. cit.* p. 264.

<sup>76</sup> NUNES. *op. cit.* p. 488.

<sup>77</sup> LA BARBINAIS *apud.* ARAÚJO (1997). *op. cit.* p. 265.

<sup>78</sup> VAINFAS, Ronaldo. Moralidades Brasilicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: MELLO E SOUZA, Laura. (org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa.** 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 61.

<sup>79</sup> VERISSIMO. P. 21-22.

<sup>80</sup> SANTA INÊS *apud.* ARAÚJO (2008). *op. cit.* p. 261 - 262.

claustro toalhas de renda, guarda-napos ricos, garfos e facas com cabos de prata”<sup>81</sup>, também descrita na condenação do clérigo Santa Inês.

A aversão aos votos religiosos e os comportamento das freiras portuguesas parece ter seguido o exemplo de suas fundadoras oriundas do Mosteiro de Évora, em Portugal. Seria uma hipótese imaginar que longe do olhar patriarcal, da submissão da vida matrimonial e do isolamento social as clausuras conventuais seriam um espaço das mais variadas formas de vivência que longe dela não teriam.

Não ficaram apenas na luxúria os pecados das religiosas, a carne também pecava. Longe de severas supervisões a que estariam submissas, as “alegres freirinhas”, descritas assim por Gregório de Matos, se arriscavam em relacionamentos que nada envolviam seu confiado noivo. Pelo que se apresenta eram afamadas suas ações como acusa o denominador baiano: “[...] inda que nunca vos vi,/ vos conheço pela fama[...]” ou “[...]a informação, que tirei,/ para desejar-vos basta[...]”<sup>82</sup>.

Não foi por menos o rei D. Pedro II enviou, em março de 1690, uma ordem régia que previa o cuidado com as religiosas “desse Convento” para que se evitassem “as amizades ilícitas e escandalosas” de todas as formas que fossem possíveis, por aqui, para que “as Religiosas vivam sem inquietação alguma espiritual causada por pessoas seculares ou eclesiásticas”<sup>83</sup>.

Para justificar tal comportamento preocupante pareciam as noviças eram bem ensinadas e informadas de que “podia agora [no convento] se extravasar de mil maneiras, algumas sutis, engenhosas, arditosas mesmo, outras, sem maior rebusco, sem cuidado, sem pudor algum”<sup>84</sup>. Ou como está na reprodução de um parecer do período a uma moça que acabava de professar:

Dou-vos o parabém de professar,  
Menina; agora tendes liberdade,  
E visto estar na vossa mocidade,  
Podeis buscar devoto a quem amar.  
Olhai as mãos, mas sem o rosto olhar;  
Arrematai-vos sem diversidade  
A quem mais der; por que julgo, em verdade,  
Quem mais dá, mais se deve estimar.  
Não repareis se é torto ou se é direito,  
Oficial, fidalgo ou mercador,

<sup>81</sup> ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e devotas**: mulheres da Colônia. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999. p. 220.

<sup>82</sup> MATOS, Gregório. A dona Marta de Cristo primeira abadessa do Desterro galanteia o poeta obsequiosamente. In. MIRANDA. *op. cit.* p. 44.

<sup>83</sup> HANSEN (2008). *op. cit.* p. 550.

<sup>84</sup> ARAÚJO (1997). *op. cit.* p. 69.

Leigo, frade, estudante pago ou micho;  
 Não vos deixei levar desse capricho,  
 Menina: se ele dá, tomai-o a jeito,  
 Que a honra duma freira é o proveito.<sup>85</sup>

### 2.3. O duelo freirático.

Não se tem registros de documentação histórica e literatura, em todo período que se estende e que compreendemos como a América Portuguesa, relacionada e comparável com a que Gregório de Matos realiza sobre os relacionamentos envolvendo a sociedade baiana, mais especificamente os romances freiráticos, propostos neste trabalho.

A documentação recolhida que revela o amor dos apaixonados do ramo freirático, podem ser observadas em cartas, crônicas de viajantes, imagens e, principalmente, nas poesias. Para afirmar, durante o século XVIII, “a poesia feita nas colônias, dará maior visibilidade ao amor e às práticas de sedução”, possivelmente pela falta de documentação diferenciada sobre o tema é na literatura que podemos observar a aproximação do “amor da carne, olvidando o recato e a norma”<sup>86</sup>.

Neste contexto delimitamos uma, entre tantas, poesia de Gregório de Matos que revela uma das maneiras do envolvimento freirático: o duelo entre o clérigo e o secular. Tal disputa se encontra em outras obras sobre o mesmo assunto, mas esta permite a observação detalhada do conflito pelo amor da “alegre freirinha” como o mesmo autor as denominava:

Estamos na cristandade?  
 Sofrer, se há isto em Argel.  
 que um convento tão novel  
 deixe um leigo por um frade?  
 que na roda, ralo, ou grade  
 Frades de bom, e mau jeito  
 comam merenda e eito,  
 e estejam a seu contento  
 feitos papas do convento,  
 porque andam co papo feito?

Se engordar a fradaria  
 a esta cidade os trouxeram,  
 melhor fora, que vieram,  
 sustentar a infantaria:  
 que importa, que cada dia  
 façam obras, casas fundem,  
 se os fradinhos as confundem  
 por modo tão execrando,  
 que quanto elas vão fundando,  
 tudo os Frades lhes refundem.

<sup>85</sup> DANTAS. *op. cit.* p. 341 - 342.

<sup>86</sup> DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 44.

Pelo jeito, que isto leva,  
 cuidam, que em Évora estão,  
 onde de inverno, e verão  
 se põem os marrões de ceva:  
 nenhuma jamais se atreva  
 sob pena de excomunhão  
 a cevar o seu marrão,  
 que se em tais calamidades  
 me asseguram, que são frades  
 arto em cevá-los lheirão.

Sirvam-se do secular ,  
 que ali está o garbo, o asseio,  
 o primor , o galanteio,  
 a boa graça, o bom ar:  
 a este lhe hão de falar  
 à grade, ao pátio, ao terreiro,  
 que o secular todo é cheiro,  
 e o frade a mui limpo ser ,  
 sempre há de vir a feder  
 ao cepo de um pasteleiro.

Em chegando à grade um frade  
 sem mais carinho, nem graça,  
 o braço logo arregança,  
 e o trespassa pela grade:  
 e é tal a qualidade  
 de qualquer frade faminto,  
 que em um átomo sucinto  
 se vê a freira coitada  
 como um figo apolegada,  
 e molhada como um pinto.

O secular entendido,  
 encolhido e mesurado  
 não pede de envergonhado,  
 não toma de comedido:  
 cortesmente de advertido,  
 e de humilde cortêsão  
 declara a sua afeição,  
 e como se agravo fora,  
 chama-lhe sua Senhora,  
 chama-lhe, e pede perdão.

Mas o Frade malcriado,  
 o vilão, o malhadeiro  
 nos modos é mui grosseiro,  
 nos gostos mui depravado:  
 brama, qual lobo esfaimado,  
 porque a Freira se destape,  
 e quer , porque nada escape,  
 levar logo a causa ao cabo,  
 e fede como o diabo  
 ao budum do trape-zape.

Portanto eu vos admoesto,  
 que o mimo, o regalo, o doce  
 o secular vo-lo almoce,  
 que a um Frade basta um cabresto:

toda Freira de bom gesto  
 se entregue em toda a maneira  
 a um leigo, que bem lhe queira,  
 e faltando ao que lhe pedem,  
 praza a Deus, que se lhe azedem  
 os doces na Cantareira.<sup>87</sup>

Nesta obra podemos ver a frustração da posição desprivilegiada do freirático secular com o seu concorrente direto: os frades franciscanos. O próprio título, desta poesia, acusa: *Queyxa-se o poeta das fundadoras, que vieram de Evora, por não poder conseguir algum galanteyo naquella casa, e serem somente admittidos frades franciscanos*<sup>88</sup>.

É presumível conceber que os religiosos tinham entrada livre nos conventos femininos. Na verdade, desde a fundação das primeiras instituições deste gênero, estes foram supervisionados e muitas vezes regidos por Abades que mantinham uma estreita afinidade com as religiosas.

O frade tem pouca torcida a seu favor, ou melhor, tem inimigos que lhe cercam de tributos negativos, como podemos ver na definição de Gregório de Matos seus inúmeros adjetivos negativos: “frade faminto” ou “frade macriado,/ o vilão, o malhadeiro/ nos modos é mui grosseiro, nos gostos mui depravado: brama, qual lobo esfaimado,/ porque a freira se destape,/ e quer, porque nada escape, levar logo a causa ao cabo,/ e fede como o diabo[...]”<sup>89</sup>.

Seriam os religiosos os responsáveis por dar o exemplo da moralidade exigida e imposta pela contra reforma. Todas as aventuras e os extensos processos de sedução pelos quais os seculares deviam passar se resume na ação dos frades famintos que tinham eram afobados, pois “o braço logo arregaçã,/ e o transpassa pela grade” sem muito chamego, com muita pressa e poderio que a sua ousada batina lhe proporcionava.

Um dos casos de destaque que povoaram cartas pedindo providências foi o caso de um “sacerdote moço” que assumiu o cargo de capelão do convento das Clarissas, na primeira metade do século XVIII, e que foi denunciado pela abadessa de ter “grandes divertimentos” com uma religiosa e que “por ser pároco, não se tem usado com ele o que se tem usado com outros”<sup>90</sup>, outros freiráticos, já que a perseguição dos mesmos já havia sido implantada pelo rei em Portugal.

Os relacionamentos com os seculares se apresentavam por meio das insistências dos mesmos. Após o consentimento das monjas, o primeiro contato acontecia por cartas. Não

<sup>87</sup>MATOS, Gregório de. Queixa-se o poeta das fundadoras, que vieram de Évora, por não poder conseguir algum galanteio naquela casa, e serem somente admitidos frades franciscanos. In: MIRANDA. *op. cit.* p. 54-56.

<sup>88</sup> *id. ibid.* p. 54-56.

<sup>89</sup> *id. ibid.* p. 56.

<sup>90</sup> CERQUEIRA E SILVA *apud.* ARAÚJO(2008). *op. cit.* p. 259.

faltava jeito para se solicitar o amor de uma freira. O então Boca do Inferno nos dá uma prévia de como solicitar uma aprovação da abadessa do Convento do Desterro, dona Marta:

“O que vos peço, é querer-vos  
ou que me désseis palavra  
de consentir, que vos queira,  
que é dom, que não custa nada.  
[...]  
A este pobre fradulário  
dai qualquer favor por carta,  
porque no tardar do prêmio  
não perigue a esperança.”<sup>91</sup>

A citação a respeito da “roda, ralo ou grade” faz referência aos artefatos impostos para a separação dos corpos, mas que se tornavam cúmplices de toda conversa e aventura realizada para aproveitar o momento com sua amada.

Os primeiros encontros íntimos, com os seculares, geralmente aconteciam no ralo, “uma lâmina cheia de furinhos, na porta ou na janela trancadas, por onde se fala mas não é visto”<sup>92</sup>. Na sequência, uma demonstração maior de interesse da religiosa era cedida a grade, que separava os corpos, mas permitia a visualização dos corpos e, com consentimento, alguns toque ou algo mais. Já a roda, conhecida popularmente como roda dos expostos, servia como transporte de presentes, e porque não de filhos produto dos romances.

Partindo para situações que envolviam maior risco, era possível transpassar as clausuras através de doações como: “presentes, imagens de santos, presépios, capelas aos que tinham as chaves das celas; subornavam abadessas, abriam suas bolsas aos padres, para desimpedir o caminho em direção ao objeto desejado”<sup>93</sup>.

Durante a noite, portões se abriam às escondidas, “muros eram escalados, fugas eram empreendidas com escândalo”, superiores eram ameaçados “com facas” e alguns “se disfarçavam em hábito feminino para insinuar nos corredores em busca da eleita”<sup>94</sup>.

Eram formas de burlar a segurança prevista as religiosas e que buscavam esconder as relações ilícitas. Havia uma forma mais descarada, mas menos intensiva de manter encontros ou até mesmo buscar uma escolhida para amar. As festas e os banquetes ofertados pelo convento permitiam a circulação de todos da sociedade em um universo limitado conventual.

<sup>91</sup> MATOS, Gregório. A dona Marta de Cristo primeira abadessa do Desterro galanteia o poeta obsequiosamente. In. MIRANDA. *op. cit.* p. 44-45

<sup>92</sup> ARAÚJO (2008). *op. cit.* p. 255.

<sup>93</sup> MIRANDA. *op. cit.* p. 8.

<sup>94</sup> MIRANDA. *id. ibid.* p. 9.

Outro perigoso inimigo dos seculares, ausente na poesia de Matos, era encontrado dentro dos próprios conventos. Seriam as próprias companheiras do claustro. O historiador Ronaldo Vainfas refere-se aos mosteiros (dos dois gêneros) como “espaços onde grassava o homossexualismo”<sup>95</sup>, portanto eram, relativamente mais comum os contatos mais íntimos entre as internas, já que não necessitava de nenhuma proeza para burlar a clausura que separava os corpos.

Um dos casos de *sodomia foeminarum* do território lusitano foi descrito por Vainfas, onde duas freiras que caíram na teia inquisitorial relataram que uma por ser “‘mãe espiritual’ da mais nova [...] lhe dava ‘o peito para mamar’”.<sup>96</sup> Os textos freiráticos também acusam as relações homossexuais, como descreve Frei Antonio das Chagas:

[...]  
 Amor, por tantas vitórias  
 Tão mal hoje me permeia,  
 Que sendo na guerra um raio,  
 Sou nas desgraças cometa.  
 Vem a ser que a freirinha  
 se enamorou doutra freira,  
 Mais que mancebo, cá fora,  
 Quis, lá dentro, ter manceba.  
 [...]<sup>97</sup>

Voltando para os inimigos do duelo. Os casos sobre os desvios de condutas dos clérigos regulares e seculares são bem estudados no Brasil desde o início da colonização portuguesa no século XVI. O conhecido padre Manuel da Nóbrega acusou seu desapontamento com a conduta do clero, por aqui, queixando-se do amancebamento dos religiosos com as índias<sup>98</sup>, por exemplo.

A maioria dos textos voltados ao envolvimento freirático têm a preocupação de salientar o lado do secular. Ele, geralmente, aparece como um inocente apaixonado: “[...]encolhido e mesurado/não pede de envergonhado,/não toma de comedido:/cortesmente de advertido,/e de humilde cortesão/declara a sua afeição,/e como se agravo fora,/chama-lhe sua Senhora,/chama-lhe, e pede perdão. [...]”<sup>99</sup>.

<sup>95</sup> VAINFAS, Ronaldo. **Trópicos dos pecados**: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 165.

<sup>96</sup> MOTT *apud*. VAINFAS. *id. ibid.* p. 165.

<sup>97</sup> CHAGAS, Antonio das. Romance. In: MIRANDA. *op. cit.* p. 28-29.

<sup>98</sup> VAINFAS, Ronaldo. As sacanagens clericais. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, p. 21 - 22, 01 jun. 2013. p. 22.

<sup>99</sup> MATOS, Gregório de. Queixa-se o poeta das fundadoras, que vieram de Évora, por não poder conseguir algum galanteio naquela casa, e serem somente admitidos frades franciscanos. In: MIRANDA. *op. cit.* p. 54-56.

Não somente Gregório de Matos pensa neles assim. Julio Dantas ao repensar os séculos anteriores (ao do título de sua obra) chega a esclarecer como o freirático tinha uma vocação para o sofrimento, mas não abandonava seus sentimentos:

“a princípio, a freira limitou-se a escarnecê-lo. depois, percebeu que tinha no freirático uma mina,[...] explorou-o, depenou-o, arruinou-o. o freirático tornou-se para a religiosa portuguesa uma indústria tão rendosa como os ladrilhos de marmelada ou como os tapetes de arraiolos. ‘mostrem-me um homem que tratasse com freira - diz um manuscrito do tempo, intitulado Advertências Freiráticas- que não saísse logrado, sevandijado, ultrajado, esfolado, arrastado, esfalfado, sacudido, consumido, vendido, aborrecido, caído, perseguido, desfavorecido, banido, tolhido!’ Imaginam que o freirático, vítima da freira, se curava e deixava as grades do convento? Ilusão! Lá ia outra vez no dia seguinte, cambado, pobre, roto - mas risonho, florido, alegre como um pucarinho de Natal”<sup>100</sup>

As Advertências Freiráticas descritas na citação é obra do Frei Lucas de Santa Catarina, já citado, na obra em que “persuade aos Freiráticos, que o não sejam” como uma forma de alertar sobre os perigos, interesses e artimanhas que as freiras golpeiam seus pretendentes. Talvez pela dificuldade de se alcançar o objeto desejado tornava-se objetivo do romântico que tudo aceitava para ter o seu prêmio, por menor que ele fosse.

O freirático não era ingênuo sabia que não era o único a seduzir e até mesmo a habitar o coração da sua amada freira. Gregório de Matos acusa a religiosa Mariana de ter-lhe colocado “cornos”: “Senhora Mariana, em que vos pes,/ Haveis de me pagar por esta cruz, /Porque nisto de cornos nunca os pus,/ E sei, que me pusestes mais de três”<sup>101</sup>. Ou em outro escrito, de outra autoria, vem confirmar a ação das religiosas: com três estive eu ontem à tarde, sem um saber do outro, e a todos falei como se fora a um só”<sup>102</sup>.

Outro elemento que compõe a poesia escolhida era a alimentação: “comam merenda e eito”, “engordar a fradaria”, “o mimo, o regalo, o doce o secular vo-lo almoce” e “preza a Deus, que se lhe azedem os doces na cantareira”. A vinculação do alimento com a freira vem das produções culinárias das quais os conventos eram conferidos como sendo grandes laboratórios de receitas, especialmente doces.

Os doces e bolos produzidos pelas “freiras quituteiras” tinham nomes seráficos e “intenção afrodisíaca” como acusam seus nomes: suspiros-de-freira, toucinho-do-céu, manjar-do-céu, papos-de-anjo, mimos, bolo divino, entre outros, compostos de muito açúcar e

<sup>100</sup> DANTAS. *op. cit.* p. 98-99.

<sup>101</sup> MATOS. Gregório de. Queixa-se o poeta à mesma freira de suas ingratidões desprimorosas, imitando a dom Tomás de Noronha em um soneto, que fez a certa freira, que principia “Soror dona Bárbara”. In: MIRANDA. *op. cit.* p. 62.

<sup>102</sup> SANTA CATARINA, Frei. *apud.* ARAÚJO(2008). *op. cit.* p. 255.

ovos<sup>103</sup>. “Embora a maior parte das regras religiosas imponha até hoje dietas e tabus alimentares [...] fazer doces, bolos e licores tornou-se uma tradição cultural”<sup>104</sup>.

Durante as feiras que aconteciam nas festas religiosas, aconteciam o comércio e arrecadação de donativos por meio dos produtos alimentícios realizados pelas freiras de Santa Clara do Desterro. Este era um dos momentos de interação social e de contato com os futuros amantes.

O sociólogo Gilberto Freyre sugere que “não podendo entregar-se em carne a todos os seus admiradores, muitas freiras davam-se a eles nos bolos e caramelos”<sup>105</sup>. Em troca dos ricos presentes os freiráticos ganhavam os desejados doces de suas amadas.

Dentre os pecados inerentes ao ser humano os desejos da carne se desenvolvem na fornicção e na gula. Em um texto sobre o combate da castidade, Michel Foucault observa a ligação do par gula-fornicção medindo o controle sobre os dois atos para a “mortificação corporal” que exige vigílias, jejuns e trabalhos que pesam no corpo para que a alma se desvincule destes vícios<sup>106</sup>. De certa forma, a entrega exagerada a alimentação seria uma forma de saciar os desejos sexuais do corpo proibido pelos votos religiosos.

A entrega do duelo, de acordo com a poesia de Matos, parecia estar nas mãos da freira. Por mais comparado que esteja o comportamento dos seus amantes concorrentes o final reclama que o secular tenha oportunidade de almoçar os doces e que ao frade seja dado um basta! E que a “freira de bom gesto se entregue em toda a maneira a um leigo” e que se não for assim que ele prefere que “azedem os doces na cantareira”, ou de outra forma, que as próprias freiras que fossem quem azedassem.

Por vezes o amor é invadido pelo menosprezo quando as investidas não dão certo. São formas de perceber que apesar das inúmeras qualidades que o secular possuía, o mesmo sabia que havia outras religiosas para amar. Outros investimentos, outras rodas, ralos ou grades. Mas essencialmente são elementos que fornecem o parecer de que as mulheres – submissas e virtuosas – arriscavam sua posição para com os freiráticos se envolver.

Na poesia, escolhida, a exposição de duas formas de artifício para conseguir “galanteio naquela casa”, não apresenta vencedor. São opções que as fundadoras de Évora deveriam fazer entre o “secular entendido” e o “eclesiástico grosseiro” na realidade do

<sup>103</sup> FREYRE, Gilberto. **Açúcar**: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 63 - 93 -131.

<sup>104</sup> ALGRANTI, Leila M. *Doces de ovos, doces de freiras*: a doçaria dos conventos portugueses no Livro de Receitas da irmã Maria Leocádia do Monte do Carmo (1729). In: **Cadernos Pagu** (17/18) 2001/02: pp.397-408. p. 397

<sup>105</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. 51 ed. São Paulo: Global Editora, 2006. p. 330

<sup>106</sup> FOUCAULT, Michel. O combate da castidade. In: ARRIÈS, Philippe; BÉJIN, André (Orgs.). **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. p. 26- 27- 28.

Convento baiano, já que dá a entender que da onde elas vêm as investidas maiores eram por parte dos frades.

As opções ocupam posições desiguais e incentivam ao leitor despreparado a escolher o seu preferido. Possivelmente manipulado pela descrição de favoritismo do autor, ou da *persona* que narra, a exposição do comportamento galanteador do secular por sua graça e afeição demonstradas levam a encantar-se por suas qualidades.

Para que não nos deixemos nos envolver ainda mais sobre esta escolha que era das freiras do século XVII, nos colocamos como duelo sem vencedor que, a partir do ponto de vista de Gregório de Matos, deixa boas feridas nas faltas do lado do religioso.

## Conclusão

O diálogo entre a história e a literatura é o cerne principal que proporcionou este trabalho a possibilidade de compreender as obras de Gregório de Matos como fonte para perceber os processos históricos que as construíram e em como elas podem ser uma representação de uma prática cultural da época.

A existente brecha entre o passado e sua representação está em como construímos este passado e por quais artificios. Neste trabalho se propôs analisar uma passagem sobre o ser freirático nos séculos XVII e XVIII dentro da cultura luso-brasileira, com suas aproximações e distâncias causadas pelo impacto do diálogo com outros contextos, mas que nos pareceram semelhantes em vários aspectos.

Não se tornou possível pensar uma obra de Gregório de Matos e Guerra sem saber o contexto histórico e literário em que foi produzido, portanto, a apresentação das características da literatura de Cordel e da Barroca foi essencial para se pensar as mentalidades e regimentos morais da época em que se produziu.

A preferência por trabalhar com o escândalo freirático esteve embasado nas propostas temáticas da literatura de cordel e na sátira que com sua nova ordem moral buscava abordar os temas polêmicos para denegrir e educar os comportamentos. Portanto, crê-se que o enfoque nos romances freiráticos, do período, não serviu apenas para entreter leitores e ouvintes, mas também para delimitar os comportamentos da época.

O comportamento freirático não era apropriado. O mesmo punha abaixo todas as prerrogativas de interesse comportamental da sociedade católica. A quebra dos dogmas e votos religiosos, a transgressão de comportamento, os frutos proibidos de tais envolvimento, entre outros estavam destinados a não compor um cenário dos mais esperados.

A delimitação da presença de Gregório de Matos seja em versão de *persona* ou tenha o mesmo realmente participado deste universo cultural de ser freirático nos colocou a frente de diversas formas de evidenciar este específico amor dos séculos XVII e XVIII. Os riscos e privilégios que alguns amantes tinham mostram que para além das regras havia espaço para a erotização do corpo e da alma.

Moças belas, jovens e de hábito religioso motivaram histórias e romances pouco abordados pela nossa literatura brasileira. Puritanismo nosso, talvez? Pensar que mesmo tão perto de Deus, havia uma possibilidade de sedução profana?

Não há como saber mais detalhes de até que ponto o discurso poético de Gregório de Matos traduz a verdade sobre os acontecimentos da ocasião. Para tanto buscou-se a

comparação e relativização com outros artificios como outras obras, de outros autores, e alguns fragmentos de documentos diferenciados para apoiar a proposta de que, novamente, os escritos do poeta baiano nos surgem como uma evidência dos comportamentos daquele momento.

Ainda existem outros elementos a serem explorados pelas poesias freiráticas do poeta baiano. Questões não observadas, outros duelos, outras intrigas, outros momentos que tragam do passado informações que ainda não conhecemos. Queixas que ainda não ouvimos/lemos. Que ainda aguardam um debruçar a mais para que tudo que estava em segredo.

Desta forma, para que nada mais fique em mistério e ganhe liberdade, citamos uma última vez o poeta em um texto que narra as religiosas lançando pássaros a voar em uma festividade:

Meninas, pois é verdade,  
não falando por brinquinhos,  
que hoje aos vossos passarinhos  
se concede liberdade:  
fazei-me nisto a vontade  
de um passarinho me dar ,  
e não o deveis negar ,  
que espero não concedais,  
pois é dia, em que deitais  
passarinhos a voar<sup>107</sup>.

---

<sup>107</sup> MIRANDA. *op. cit.* p. 43.

## Referências bibliográficas

- ALGRANTI, Leila M. *Doces de ovos, doces de freiras: a doçaria dos conventos portugueses no Livro de Receitas da irmã Maria Leocádia do Monte do Carmo (1729)*. In: **Cadernos Pagu** (17/18) 2001/02: pp.397-408.
- ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e devotas: mulheres da Colônia**. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- ALVES, António Bárbolo. **Notícia de romances, folhetos e folhas volantes na terra de Miranda**. *Studii si cercetari – Filologice - Seria Limbi romanice*, 3, 2008. 64 - 80. Disponível em: [http://upit.ro/uploads/facultatea\\_lit/Revista%20SCF.Seria%20limbi%20romanice/Arhive/Versione%20integrala\\_Forma%20finala%20nr%204.pdf#page=93](http://upit.ro/uploads/facultatea_lit/Revista%20SCF.Seria%20limbi%20romanice/Arhive/Versione%20integrala_Forma%20finala%20nr%204.pdf#page=93). Acesso em: 03 de janeiro de 2014.
- ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: DEL PRIORE, Mary (org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- ARAÚJO, Emanuel. **O teatro dos vícios: transgressão e transigência na sociedade urbana colonial**. 3 Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- AZZI, Riolando. **A vida religiosa no Brasil: enfoques históricos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CAVALCANTI, Carlos Alberto de Assis. **A atualidade da literatura de cordel**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2007. 174fls. Disponível em: [http://www.livrosgratis.com.br/arquivos\\_livros/cp059384.pdf](http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cp059384.pdf). Acesso em: 17 de março de 2014.
- CERTEAU, Michel. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- DANTAS, Júlio. **O Amor em Portugal no século XVIII**. 3 ed. Lisboa: Sociedade editora Portugal – Brasil, 1915.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FOUCAULT, Michel. O combate da castidade. In: ARRIÈS, Philippe; BÉJIN, André (Orgs.). **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. 51 ed. São Paulo: Global Editora, 2006.
- FREYRE, Gilberto. **Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- HANSEN, João Adolfo. Pedra e cal: o amor freirático na sátira luso-brasileira do século XVII. In: REINOSO, Mariel; WALDE, Lillian von der (Eds.). **Revista destiempos.com – Dossier Virreinos**. ano 3. n. 14. México: destiempos.com, 2008. Disponível em: <http://www.destiempos.com/n14/dossierv.pdf>. Acesso em: 10 de julho de 2013.
- HANSEN, João Adolfo. **A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII**. São Paulo: Companhia das letras e Secretaria de Estado da Cultura, 1989.
- MAGALHÃES, Isabel Allegro de. **História e Antologia da literatura portuguesa: Século XVII**. Série HALP n.º 34. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005. Disponível em:

- [http://www.leitura.gulbenkian.pt/boletim\\_cultural/files/HALP\\_34.pdf](http://www.leitura.gulbenkian.pt/boletim_cultural/files/HALP_34.pdf). Acesso em: 30 de março de 2014.
- MATOS, Gregório de. **Obra poética**. v.1 e v.2. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.
- MATOS, José Veríssimo Dias de. **História da literatura brasileira**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000116.pdf>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2014.
- MINOIS, Georges. História do riso e do escárnio. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- MIRANDA, Ana. **Que seja em segredo: textos freiráticos séculos XVII e XVIII**. 3 ed. Rio de Janeiro: Dantes, 1998.
- NOGUEIRA, Carlos. Aspectos da literatura de cordel portuguesa. In: *La literatura popular impresa en España y en la América colonial: formas y temas, géneros, funciones, difusión, historia y teoría*. Seminario de Estudios Medievales y Renacentistas, 2006. Disponível em: <http://www.lyraminima.culturaspopulares.org/actas/actas5/nogueira.pdf>. Acesso em: 2 de maio de 2014.
- NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (org). **História das Mulheres no Brasil**. Vol.1. São Paulo: Contexto, 1997.
- PACHECO, Moreno Laborda. Vida monástica feminina, escrita e poder no Portugal Moderno (séculos XVII e XVIII). In: **Revista Brasil e Portugal: Nossa História Ontem e Hoje**, 2007. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, 2007
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma **velha-nova** história. In: Nuevo Mundo Mundos Nuevos. On line: Debates, 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1560?lang=en>. Acesso em: 01 de agosto de 2013.
- PINTO, Maria Isaura Rodrigues. O cordel como campo de intercâmbio e tensão de valores culturais. **Revista Litteris**, v. 1, 2008. Disponível em: <http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/cordel.pdf> Acesso em: 30 de março de 2014.
- PRIORE, Mary Del. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.
- RAMOS, Ana Margarida. **Os monstros na literatura de cordel portuguesa do século XVIII**. 2007. 529 f. Tese (doutorado em Literatura) – Universidade de Aveiro, Aveiro, 2007. Disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/4845/1/2007000114.pdf> . Acesso em: 10 de maio de 2014. p. 105.
- REIS, Jaime. **O Atraso Económico Português, 1850-1930**. Lisboa: Imprensa Nacional & Casa da Moeda, 1993.
- VAINFAS, Ronaldo. As sacanagens clericais. In. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, p. 21 - 22, 01 jun. 2013. p. 22
- VAINFAS, Ronaldo. Moralidades Brasilicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: MELLO E SOUZA, Laura. (org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa.**. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- VAINFAS, Ronaldo. **Trópicos dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- VAINFAS, Ronaldo (org.). **Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 148.
- VILLALTA, Luis Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In. SOUZA, Laura de Mello e. (org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.